

# Conteúdos do *Ensino Fundamental*

A educação musical no cotidiano



**A EDUCAÇÃO MUSICAL NO  
COTIDIANO ESCOLAR: A ALEGRIA DO FAZER  
E SENTIR MUSICAL**



## UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Ronaldo Tadeu Pena  
*Reitor*

Heloisa Maria Murgel Starling  
*Vice-Reitora*

### Pró-Reitoria de Graduação

Mauro Mendes Braga  
*Pró-Reitor*

Carmela Maria Polito Braga  
*Pró-Reitora Adjunta*

Maria do Carmo Vila  
*Coordenadora do Centro de Apoio à Educação a Distância*

Ione Maria Ferreira de Oliveira  
*Coordenadora da UAB UFMG*

### Faculdade de Educação

Antônia Vitória Soares Aranha  
*Diretora*

Orlando Gomes de Aguiar Júnior  
*Vice-Diretor*

### Curso de Pedagogia UAB-UFMG

Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben  
*Coordenadora Geral*

Tânia Margarida Lima Costa  
*Vice-Coordenadora Geral*

Sérgio Dias Cirino  
*Coordenador do Eixo Integrador*



**Alícia Maria Almeida Loureiro**

**A EDUCAÇÃO MUSICAL NO  
COTIDIANO ESCOLAR: A ALEGRIA DO FAZER  
E SENTIR MUSICAL**

**Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben  
Tânia Margarida Lima Costa  
(organizadoras)**

**Belo Horizonte  
CURSO DE PEDAGOGIA UAB UFMG  
FAE/UFMG  
2009**

ORGANIZADORAS Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben  
Tânia Margarida Lima Costa

ASSESSORA PEDAGÓGICA Elza Vidal de Castro

REVISORA Maria Ribeiro dos Santos

PRODUTOR EDITORIAL Marcos Alves  
Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

---

© 2009, Os autores e organizadores

© 2009, Curso de Pedagogia UAB UFMG

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do editor.

#### Ficha Catalográfica

L892e Loureiro, Alicia Maria Almeida.  
A educação musical no cotidiano escolar: a alegria do  
fazer e sentir musical / Alicia Maria Almeida Loureiro ;  
Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben, Tânia  
Margarida Lima Costa (Organizadoras). – Belo Horizonte:  
FAE/UFMG, 2009.  
44 p. : il. (Conteúdos do ensino fundamental)

Obra produzida para o curso de Pedagogia da  
Universidade Aberta da UFMG.  
ISBN: 978-85-99372-70-8

1. Música. 2. Educação de crianças. I. Dalben, Ângela  
Imaculada Loureiro de Freitas. II. Costa, Tânia Margarida  
Lima. III. Título. IV. Série.

CDD: 372  
CDU: 37.018

Elaborada pela DITTI – Setor de Tratamento da Informação  
Biblioteca Universitária da UFMG

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG  
Curso de Pedagogia UAB UFMG  
Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha  
31270-901 - Belo Horizonte-MG  
Tel: 31 3409-7477

# A EDUCAÇÃO MUSICAL NO COTIDIANO ESCOLAR: A ALEGRIA DO FAZER E SENTIR MUSICAL

## ● ● ● ● ● AUTORA

### **Alícia Maria Almeida Loureiro**

Graduada em Piano, Licenciada em Música e Especialista em Educação Musical pela Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, graduada em Psicologia e Especialista em Psicologia Escolar pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Mestre em Educação pela PUC/MG e doutoranda em Educação na Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é professora da UAB – Universidade Aberta do Brasil – atuando junto ao curso de Pedagogia à Distância da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil e Ensino Fundamental, atuando principalmente nos seguintes temas: educação infantil, educação musical e políticas públicas e a música na educação infantil.

## ● ● ● ● ● EMENTA

O sentido e o significado da música no processo de desenvolvimento das crianças. A música como prática educativa no cotidiano escolar. A linguagem musical: possibilidades de um trabalho social e pedagógico.



## ●●●●●● SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO MUSICAL NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR .....	10
2. A MÚSICA ENQUANTO LINGUAGEM CORPORAL, VERBAL, EXPRESSIVA E AFETIVA: O FAZER MUSICAL .....	17
3. POSSIBILIDADES PARA VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS MUSICAIS: COMPARTILHANDO E CONSTRUINDO CONHECIMENTO .....	20
4. VIVÊNCIA MUSICAL .....	22
5. CONCLUSÃO .....	34
6. REFERÊNCIAS .....	35
ORIENTAÇÃO DE ESTUDO .....	37
ESTUDO COMPLEMENTAR .....	41



## INTRODUÇÃO

Embora nos meios científicos e acadêmicos a música seja reconhecida como área de conhecimento cujos fundamentos básicos envolvem um misto de saberes, habilidades, atitudes e valores, na realidade isso não ocorre. Na verdade, o que encontramos nas escolas são práticas isoladas, bastante variáveis e irregulares. E, quando ocorrem, estão muito distantes de seu verdadeiro significado, priorizando aspectos disciplinares e atividades de caráter lúdico e festivo.

O fato é que, na maioria das escolas onde há o ensino de música, os professores continuam reduzindo essa disciplina à realização de atividades lúdicas. Dessa forma, centram o ensino nos aspectos agradáveis que a música proporciona, desprezando o processo de aprendizagem que leva à construção e a aquisição de um novo conhecimento. Nessa perspectiva, a preocupação é com o produto final e não com a produção de conhecimento.

Por outro lado, devemos lembrar que a formação do professor por meio do curso de magistério do ensino médio, ou até mesmo mediante os cursos de graduação em Pedagogia ou Normal Superior carece dos fundamentos mais elementares da arte musical. Isso, em princípio, inviabiliza o trabalho do professor que, na maioria das vezes, não está preparado para desenvolver objetivos propriamente musicais e muito menos para lidar com as dificuldades e os imprevistos presentes em sua prática pedagógica diária com os alunos. Sendo assim, o que pretendemos neste texto é mostrar o sentido e o significado da música no contexto das interações cotidianas no processo educativo e sua importância para o desenvolvimento integral do aluno.

É por acreditar na capacidade da criança de se expandir e de se expressar de acordo com a realidade tal como ela nos apresenta que buscamos, através do som, do ritmo, do movimento, da canção, o seu envolvimento e o seu crescimento como ser humano, cuja referência é sua vivência e leitura do mundo.

É por acreditar no professor/animador, no seu comprometimento com a prática pedagógica que buscamos proporcioná-lo, através do redimensionamento e da motivação no cotidiano escolar, a alegria compartilhada.

Por fim, é por acreditar na música, como linguagem pura e envolvente, que estabelece laços de fraternidade e gera sentimentos, que fortalece e faz crescer o indivíduo como cidadão do mundo, em toda a sua plenitude que buscamos proporcionar a alegria do fazer e do sentir musical.

# 1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO MUSICAL NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Há muito que o ensino de música vem lutando por seu espaço no contexto institucionalizado. A estruturação curricular da disciplina Música, bem como os conteúdos a serem ensinados vêm gerando, ao longo dos anos, questões e debates quanto à sua constituição como disciplina escolar.

Contudo, para entender o ensino de música que é ministrado, hoje, para as crianças brasileiras e a importância dele no contexto das interações cotidianas vividas no processo educativo, é fundamental conhecer a relação da música com a educação escolar, o seu sentido e o significado como linguagem. De igual importância, é preciso conhecer o caminho percorrido para a inserção e a aquisição do saber musical dentro das salas de aula.

Com efeito, a educação musical hoje praticada em nossas escolas mostra-se como um complexo heterogêneo no qual encontramos a convivência de diversas e variadas práticas e discursos. Evidencia-se, entretanto, o distanciamento da prática presente nas salas de aula e a teoria produzida e circunscrita à academia.

A essa situação, associa-se a rigidez e a imobilidade dos sistemas e dos modelos de ensino que insistem em regular todo o processo educativo, direcionando desde os objetivos até as formas de avaliação. Para tal, sugerem uma padronização nas ações que irão determinar um modo único e eficiente de respostas considerando que, para uma boa aprendizagem, o essencial é a quantidade de conhecimentos transmitidos, memorizados, garantindo e assegurando, desse modo, um bom desempenho e um bom aluno.

Hoje, porém, há uma tendência a não só negar os métodos tradicionais que por muitos anos priorizaram o talento e o virtuosismo, como também a eles se opor. Tais métodos, massacrados por uma técnica racional e puramente instrumental, desconsideram os valores da criação e da expressão.

Com relação à aprendizagem musical, diríamos que o preconceito de que é preciso ter *dom* inato para se fazer música não precisa mais existir. Qualquer pessoa pode aprender música e se expressar através dela, desde que sejam oferecidas condições necessárias para a sua prática. Quando afirmamos que qualquer pessoa pode desenvolver-se musicalmente, consideramos a necessidade de se tornar acessível, às crianças e aos jovens, a atividade musical de forma ampla e democrática.

Entretanto, assegurar um lugar para a música no contexto escolar, seja público ou privado, não tem sido tarefa fácil. Se ela existe, é principalmente na escola de ensino infantil (embora de caráter lúdico e recreativo) e, com a progressão dos anos, perde sua força até desaparecer por completo (o que é lamentável). Dessa forma, a educação musical vê-se diante de um desafio que, sem dúvida, se apresenta como o alicerce para a prática efetiva

e consistente de ensino de música: promover, de modo amplo e democrático, uma educação séria e de qualidade para a escola regular de ensino básico.

Diante desse quadro, ressaltar a contribuição e o papel da música na formação global da criança que frequenta a escola desde os anos iniciais de escolaridade significa pôr o docente/investigador em música, em contato com a prática visando à cooperação entre o conhecimento e a aula, propriamente dita. Para tanto, a prática musical na escola deve ser entendida e interpretada como um processo educacional orientado para a promoção e participação mais abrangente da cultura socialmente produzida. Desse modo, a música poderá proporcionar à criança o desenvolvimento da percepção, da expressão e do pensamento necessários à decodificação da linguagem musical, assim como dos sentidos e significados dessa linguagem na cultura de um povo (LOUREIRO, 2003).

Assim sendo, a escola, como lugar de construção e reconstrução do conhecimento poderá, em um processo de transformação constante, abrir espaços para que outras culturas sejam valorizadas e imprimir uma nova metodologia nas práticas cotidianas escolares. Isso implica questionar discursos e propostas existentes que legitimam determinadas culturas e reforçam as relações desiguais de poder na sociedade. Dessa forma, a proposta curricular para o ensino de música para a criança, inserida no contexto da escola regular, deve pretender a implantação e o desenvolvimento de uma educação musical que esteja ao alcance de todas, educação essa vista como meio de democratizar o acesso à arte, aproximando-a, cada vez mais, do prazer e da alegria pelo fazer musical.

A música, como linguagem e área de conhecimento, inserida no contexto escola/sala de aula, não deve ser desenvolvida ao acaso. É fundamental dar às crianças orientação e instrumentos adequados e necessários para a autoexpressão, criatividade, expressão de sentimentos e ideias, tais elementos são imprescindíveis para as crianças continuarem a aprender música ao longo da vida e para o desenvolvimento harmonioso, coerente e saudável da sua personalidade. Isso significa que é fundamental o papel da escola no estudo da cultura musical, pois nela, como terreno de mediação, poderão ocorrer trocas de experiências pessoais, intuitivas e diferenciadas.

Aliás, e conforme evidencia pesquisa empreendida entre 1998 e 2001, a educação musical tem uma função socializadora além de contribuir no desenvolvimento e formação integral do indivíduo. A importância do ensino de música na escola reside, então, na possibilidade de despertar habilidades e condutas na criança, levando-a a sentir-se sensibilizada pela música, valendo-se da criação e da livre expressão (LOUREIRO, 2003).

Conforme já anunciamos, o ensino de música como saber escolar, inserido no currículo da escola regular, apresenta-se, hoje, diluído numa diversidade de funções e variedade de abordagens pedagógico-musicais. Mas, se se almeja uma educação musical voltada para o prazer e o desabrochar da criança, o grande esforço deve concentrar-se na construção de uma prática educativa democrática, abrangente e formativa. Ao mesmo tempo, essa prática deve ser coerente e intencionalmente dirigida ao público com o qual se quer trabalhar.

Por outro lado, ressaltamos que, na perspectiva educativa, em que diferentes tipos de discursos e práticas interagem na constituição de identidades e subjetividades, a indefinição de abordagens impede a construção de uma prática educativa consistente e autoformadora. Mesmo que o ensino de música nas escolas de ensino regular esteja diluído em práticas metodológicas diversas, muitas vezes, por falta de fundamentação teórica consistente ou por formação inadequada do educador de séries iniciais, a educação musical não pode fugir da reflexão crítica para aprofundamento do valor e do significado da música para a formação geral do indivíduo.

Diante do exposto, nossa proposta de ensino de música deve partir do reconhecimento do valor das vivências e das experiências dos alunos que devem ser transportadas para o cotidiano escolar. Assim, numa ação conjunta, o professor poderá superar a reprodução de ideias, normas e valores, dos modelos enraizados nos discursos acadêmicos e tentar a aproximação com o conhecimento que os alunos trazem para dentro da sala, contextualizando-o de acordo com a sua realidade. Desse modo, e, ao mesmo tempo, o professor dá oportunidade aos alunos de viver suas experiências com mais intensidade, enriquecendo, cada vez mais, seu universo cultural.

A propósito, frequentemente, os currículos escolares e as práticas educativas musicais respondem a momentos e movimentos sociais e culturais que ultrapassam o espaço escolar. Contudo, os conteúdos de cada área do currículo, ou seja, aquilo que deve ser ensinado e aprendido por todos os alunos, de todos os níveis, precisam ser organizados e tomar por base três critérios que consideramos de suma importância para sua validação e operacionalização. Em primeiro lugar, os conteúdos devem possuir significado cultural para os alunos; em segundo lugar, devem emergir do seu próprio meio, ou dele se aproximar o máximo possível e, finalmente, devem possibilitar aos alunos meios para aproximação a novos conhecimentos, experiências e vivências.

Além do mais, numa sociedade em processo de globalização, surgem novas influências na produção do conhecimento e o ensino de música, imerso nesse processo, traz novos questionamentos que demandam novo redimensionamento para os seus conteúdos curriculares. Todavia, devemos estar atentos à rigidez da escola e dos professores que cerceia o aluno levando-o a se tornar mero executor de tarefas, distanciando-o da realidade exterior à escola e silenciando-o na sua individualidade. A generalização leva à uniformização de hábitos, gostos, informações, preferências. Todos passam a fazer parte da massa globalizante levando-os à homogeneização cultural, devido a proximidade de certos produtos, inclusive da música, sabiamente veiculados pela mídia e pelos meios de comunicação. Segundo Penna (1994, p.23),

os problemas de certas metodologias do ensino tradicional de música [...] residem no fato de que tais metodologias pressupõem uma familiarização prévia com a linguagem musical, sendo por isso, muitas vezes ineficientes. Como poderão, então, ser adequadas a clientela ainda mais carentes – comparando-se o aluno que tem condições de acesso a uma escola especializada com aquele de uma escola pública de 1º grau?

Diante da influência causada pelas transformações culturais e sociais, atitudes educacionais precisam compatibilizar-se com as necessidades do aluno ou do grupo tornando significativas e atraentes as práticas musicais no cotidiano escolar. Para Koellreutter (1985, p.195), entretanto,

não adianta reformular ou completar programas de ensino, se a didática e a metodologia, na prática, continuarem desatualizadas, e se limitarem a transmitir ao aluno os conhecimentos herdados, consolidados e freqüentemente repetidos em todos os semestres através de aulas de doutoral e fastidiosa atuação do professor.

A atual diversidade de manifestações musicais, justificadas pelo processo acelerado da globalização, inspira uma nova postura e busca de uma nova identidade para a educação musical. Suscita uma nova concepção de aprendizagem que suponha uma ação construtivista de conhecimento, deslocando o eixo centralizador dos conteúdos para uma organização não linear dos conteúdos, na qual o aluno interage com o meio ambiente por meio de relações estabelecidas com o professor e com a classe. Para isso, é preciso evitar a tendencialidade em relação a determinados idiomas musicais e compreender o modo como os jovens se relacionam com a música, seus gostos e estilos. Tal postura implica abertura ao diálogo permanente com a realidade sociocultural na qual estão engajados os mais diferentes grupos sociais, inclusive, o do aluno e o do professor.

Isso posto, não podemos mais aceitar que programas escolares sejam planejados nas progressões históricas e conceituais, menosprezando os interesses dos alunos, o aspecto cognitivo e o afetivo. Nessa prática, deixa de existir a inter-relação entre o contexto educativo, programas didáticos e a realidade dos alunos. Esquecemos, entretanto, que não levar em consideração as preferências dos jovens, por exemplo, por determinada música faz parte de modismos que estão em íntima relação com o padrão de música aceito por essa ou aquela classe social.

Queremos reforçar, entretanto, que não há, na verdade, um único caminho a ser seguido que garanta, com segurança, a eficiência da prática da educação musical. Não há imunidade para qualquer atividade ou método. A crítica e os questionamentos devem ser encarados como essenciais e fundamentais para o aprendizado do novo e para o constante aprimoramento e busca de renovação.

Afinal, as atividades pedagógicas propiciadas pela linguagem musical dizem respeito à relação entre o sujeito e o objeto do conhecimento. O modo de conceber o processo e o objeto dessa aprendizagem é que valoriza a ação pedagógica inserida na prática social existente tornando-a, dessa forma, mediadora entre o individual e o social.

Fonterrada (1997) refletindo sobre a prática pedagógica dos professores de música e o relacionamento que mantêm com seus alunos, afirma que elas vem oscilando entre dois extremos. Assim, de um lado, está o modelo tradicional, que privilegia o ensino em *linha*, ou seja, privilegia a transmissão de conteúdos de modo linear e sequencial. Os adeptos

desse modelo acreditam que o rigor metodológico seria a única maneira de transmitir o conhecimento, além de combater a falta de interesse, a baixa capacidade de concentração e a superficialidade de nossos alunos. Em outro extremo, estão aqueles que adotam um procedimento não-linear, uma prática pedagógica apoiada em uma nova maneira de apreensão do mundo, propiciando experiências vivas e variadas, tão mutantes quanto curtas e diversas, em conformidade com o imediatismo da música. Dessa forma, o modelo conservador e reprodutor de ensino seria substituído pela conduta em *rede*. Nesse caso, as informações variadas, oriundas de diversas fontes, seriam mais interessantes e mais próximas da realidade do aluno.

Na mesma linha de abordagem, Dalben (1991, p.24) afirma:

O processo de amoldamento que vem sendo desenvolvido pela organização do trabalho escolar no qual a predominância de processos de ensino segundo o eixo transmissão-assimilação acabam por orientar e adormecer o processo de auto-crítica de criatividade existentes no ser humano. [...] Questiona-se ainda a mesma organização que deixa de lado aqueles conteúdos que poderiam favorecer o desencadear de processos de transformação das relações entre professores x alunos x conteúdos, já que ignora o potencial daquelas disciplinas que trabalham o ser humano e suas formas de expressão a nível de totalidade, trabalhando conjuntamente o cognitivo, o emocional e o sensorial- como as artes em geral.

O momento atual vem trazendo, para o campo musical, inúmeras novidades, com produções nos mais variados estilos, exigindo dos professores e profissionais da música uma nova maneira de perceber, experienciar e ouvir a música. Essa mobilidade e diversidade de linguagens musicais não representam obstáculos para a criança ou para o jovem, pois eles recebem, com naturalidade, todo e qualquer tipo de música, além daqueles que, cotidianamente, lhes são apresentados e postos para apreciação.

Como sabemos, a criança está aberta, intuitivamente, a uma enorme variedade de estímulos sonoros que lhes chegam naturalmente através de diferentes fontes, ou seja, de maneira não ordenada, aleatória e, na maioria das vezes, de modo inconsciente e inquestionável. Cabe ao professor ser flexível e aceitar o novo, tomando consciência de que é preciso buscar novas maneiras de apreensão do mundo, deixando de lado critérios já enraizados e instituídos. Assim, ele precisa aceitar, de forma natural, a energia viva e espontânea das crianças e jovens. Nessa perspectiva, consideramos emergencial para as práticas pedagógicas em educação musical, o redimensionamento das propostas metodológicas, com vistas ao melhor entendimento do mundo perceptivo e imaginário dos nossos alunos. Mas para tal, não podemos esquecer que a vivência musical constitui um momento de prazer, de magia, de sentir, de perceber, de criar, de descobrir. É o momento propício para criar situações que estimulem a busca do conhecimento, a alegria do fazer musical. É o momento de aproveitar a fase escolar inicial para desenvolver esquemas de apreensão da linguagem musical e verbal, contribuindo para o enriquecimento da interação entre alunos, aluno e professor, indivíduo e sociedade, indivíduo e mundo.

Contudo, advertimos: é preciso dar à educação musical um caráter progressivo que deve acompanhar a criança ao longo de seu processo de desenvolvimento escolar. Desse modo, os momentos proporcionados pelo ensino musical devem ser adaptados às capacidades e interesses específicos das crianças. O professor deve ter consciência e clareza para introduzir o aluno no domínio do conhecimento musical. Além do mais, todo ser humano possui algum potencial para entender música, desde que lhe sejam dadas condições e oportunidades para descobrir o sentido e o significado da música para sua vida.

Por outro lado, a escola é uma instituição onde esse conhecimento pode ser instituído e adquirido. Entretanto, sabemos que, efetivamente, o acesso às práticas pedagógico-musicais não está ao alcance de todos e, o que é pior, as oportunidades são oferecidas apenas àqueles que dispõem de instrumentos apropriados para sua apreensão e aprendizado. Isso significa que a escola prioriza aqueles alunos que já possuem educação cultural e socialmente diferenciada, ou seja, aquela das classes privilegiadas, para os quais se direciona um ensino elitista e excludente. Desse modo, os mecanismos usados nada mais fazem do que dissimular a discriminação que produzem, levando o aluno ao fracasso e, conseqüentemente, a se culpar pela falta de capacidade e ausência de motivação.

Daí a importância de a escola tornar o conhecimento da linguagem musical o elemento importante do processo educativo para o desenvolvimento integral da criança. Não adianta obedecer a regras de organização e articulação, transmitidas pelo professor como se fossem um código, sem estabelecer o elo com o significado, o que é fundamentalmente importante para a configuração da linguagem artístico-musical.

Sendo assim, da mesma forma que não podemos ignorar o gosto musical dos alunos, não podemos negar-lhes a possibilidade de ampliar o seu campo de conhecimento musical. Professor e aluno devem buscar um consenso ao selecionar um repertório, ou mesmo um tema a ser abordado em sala de aula. A questão é estar preparado para gerar, através do material selecionado, a aquisição do conhecimento musical. Esse tipo de ensino/aprendizagem envolve conscientização e disposição para esclarecer a real proposta da educação musical e, sempre que necessário, a revisão dos seus pressupostos que devem, antes de tudo, estar em sintonia com as necessidades, as expectativas e a formação integral do aluno.

Dessa forma, estão envolvidos nessas relações, elementos históricos, estéticos, psicológicos, sociais, étnicos, teóricos, filosóficos. Todos eles estão, necessariamente, implicados dentro do processo de aquisição do conhecimento, ou seja, quando da ocorrência do processo de aquisição, apropriação e transmissão de música. Conscientes da complexidade de seu objeto, faz-se necessário reconhecer a sua pluralidade, a diversidade de abordagens, possibilitando a interação, e não conflitos, com os mais diversos fazeres musicais, construídos em diferentes contextos sociais.

Sendo assim, todo o cuidado é pouco para que não permaneçamos passivos e alienados diante das múltiplas possibilidades de acesso ao conhecimento. Devemos estar atentos para não nos perder num emaranhado de procedimentos que, ao invés de nos levar à compreensão dos elementos constituintes da linguagem musical, nos leve a situações embaraçosas no momento da organização das experiências musicais, imprescindíveis para o desenvolvimento da aprendizagem musical.

Devemos lembrar, aqui, que foi aprovada a Lei 11.769, de 18 de agosto de 2008, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de música na escola, voltando a fazer parte do currículo da educação básica. Essa lei resultou de uma grande mobilização por parte de músicos e educadores, de expressão nacional, e de vários pontos do país que, numa luta incansável, sensibilizaram e convenceram as autoridades da esfera federal do valor da música como área de conhecimento e de sua importância para o desenvolvimento global da criança e do jovem.

O problema começa aí, a partir da obrigatoriedade desse ensino expresso no papel chegar até as salas de aula, incluir-se no currículo e ser oferecido aos alunos no horário escolar. Tudo isso requer forte interesse por parte dos administradores escolares, mostrando-se sensibilizados e pelo valor do ensino de música na escola. Tudo isso requer por parte dos docentes busca incessante de uma formação contínua e permanente, requer consciência da necessidade de um ensino mais crítico e criativo no contexto de uma educação integrada com a comunidade social.

Acrescentamos ainda que a especificidade da área e a complexidade dos elementos que a delineiam como linguagem demandam objetivar um constante aprimoramento do seu conteúdo, tornando-o claro e adequado e com possibilidades reais de serem trabalhados no contexto da instituição escolar de ensino regular. Isso, principalmente, se levarmos em conta a formação e qualificação do profissional das séries iniciais e as reais condições (humanas e materiais) para o desempenho do trabalho na atual realidade de nosso país.

Contudo, não podemos negar que a inserção da disciplina Música no currículo, como ampliação do universo cultural de milhares de crianças e jovens que frequentam as escolas brasileiras, já demonstra uma visão bem mais realista e interessante quanto ao papel que a música pode e deve desempenhar na vida de todos os cidadãos, melhor ainda se começar pelos pequenos.

## 2. A MÚSICA COMO LINGUAGEM CORPORAL, VERBAL, EXPRESSIVA E AFETIVA: O FAZER MUSICAL

Considerando que são muitas as definições de música, parece-nos importante a reflexão acerca do seu componente mais elementar, porém fundamental, que é o som. Afinal, o que é som? Como se dá o fenômeno sonoro? Qual a origem desse fenômeno?

Quando pensamos em música dentro do contexto escolar, ocorre-nos uma série de ações que, num primeiro momento, parecem ocorrer em perfeita sintonia: cantar, dançar, tocar e brincar. Se observamos uma criança cantar, no mínimo, suas cordas vocais estão em movimento, vibrando muitas vezes, o ato de cantar faz com que ela se movimente, o seu rosto exprima emoção, o seu corpo balance, bata palmas, sapateia, produza sons. A música que ela canta, muitas vezes, evoca alguns passos que, na maioria das vezes, não precisam ser ensaiados ou direcionados; o seu corpo já os sabe. Um instrumento em suas mãos, seja um chocalho, um pandeiro, um tambor, faz com que a criança se movimente, seja batendo-o, sacudindo-o, em inúmeras tentativas de produzir sons cada vez mais atraentes e prazerosos. Muitas canções envolvem brincadeiras que, ao mesmo tempo em que educam, fazem com que a criança se divirta e se movimente no espaço, por menor que seja.

Assim, não podemos falar de música sem falar de som e das ações que ela provoca no indivíduo, neste caso, na criança. E, no desempenho de suas ações, a criança envolve-se num misto de alegria, prazer, sentimento, emoção, comunicando-se com seus pares e com ela mesma.

Considerando todos esses aspectos, e levando em consideração essas idéias básicas, a música, sendo um fenômeno sonoro, só pode e deve ser pensada, vivida, construída, descoberta, manipulada, produzida, comunicada por meio da percepção dos sons. Os sons que se propagam através de ondas invisíveis podem se tornar visíveis quando são vividos e sentidos pela criança, experimentando-os, reinventando-os, buscando a sua re-significação, consubstanciada por propostas e situações cotidianas. Tais propostas fortalecem ações desafiadoras e motivadoras, com possibilidades expressivas e criativas, promotoras do seu desenvolvimento socioafetivo saudável e do seu bem-estar.

Esclarecidos esses aspectos, podemos dizer que há inúmeras possibilidades de conhecer *música* através da ação da criança. O som se torna visível à criança a partir do momento que ela o reconhece como um objeto de conhecimento palpável, real e atraente que está próximo a ela, podendo e devendo ser manipulado, explorado e descoberto através dos movimentos compreendidos por ela, ou seja, do fazer musical.

Sons existem em toda parte. O homem vive e se desenvolve em ambientes ricos em estímulos sonoros. O ambiente sonoro de uma sociedade é uma fonte importante de informação. Cada som transmite uma informação. Cada som tem o seu objetivo e serve de complemento a outros sons, como uma agradável conversa ou uma boa orquestra.

Contudo, não é só o homem que produz sons. Tanto o som quanto o ruído (que também é som) provêm de uma fonte sonora ou de um objeto sonoro. Há sons, como os de uma cachoeira, que não precisam da ação do homem para que possamos ouvi-lo; a natureza se encarrega dessa tarefa. Outros, como o som proveniente de um violão, requerem a ação e a manipulação do homem sobre ele para que seja ouvido e apreciado. Seja qual for a fonte sonora, o som que dela ecoa pode nos apresentar, na sua amplitude e diversidade, como grave ou agudo, longo ou curto, fraco ou forte, contínuo ou interrompido. Esses objetos sonoros podem estar presentes não só na música, propriamente dita, mas também em nossa casa, na rua, na natureza ou até mesmo na nossa imaginação.

Mas, o que entendemos por objeto sonoro? Objeto sonoro identifica-se com qualquer objeto, seja feito de sucata, seja de qualquer outro material, que possa produzir um som, mas organizado e intencionado como música, ou simplesmente com possibilidades de se produzir e ouvir som. Podemos citar, como exemplos, chaves, tampinhas de garrafa, copinhos de plástico diversos, caixinhas de fósforos, latinhas, bichinhos de borracha, pauzinhos, papéis diversos, embalagens plásticas, etc. Nesse caso, o objeto ou material sonoro inclui não só os objetos sonoros procedentes de sucatas, ou material reciclável, mas também os instrumentos musicais, a voz humana e todas as demais fontes e sonoridades que envolvem nossa paisagem sonora. Logo, envolverá tanto o som de tambores, pandeiros, chocalhos, apitos, flautas, violões, pianos, etc. quanto o som da chuva, do trovão, de buzinas, do latido do cão, do miado do gato, do choro de um a criança, do som do avião, do carro, do canto dos pássaros, entre muitos outros. Ou seja, o objeto sonoro pode ser encontrado em qualquer lugar, dentro ou fora do ambiente escolar.

O que importa, aqui, é a procura, a descoberta e a exploração do objeto sonoro de modo a possibilitar o seu reconhecimento, aguçando a curiosidade e ampliando, assim, o universo sonoro da criança. Para isso, é preciso um exercício constante de percepção, escuta, pesquisa e exploração de materiais diversos, o que vem favorecer a sensibilidade e a reflexão sobre o objeto descoberto. Nesse sentido, acreditando na música, como elemento intrínseco a todo ser humano, independentemente de ter *dom* para apreciá-la, vivenciá-la e até mesmo construí-la, muitas atividades podem ser desenvolvidas com as crianças. Basta que o professor acredite na sua capacidade de realizá-las pois, dessa forma, contribuirá para o desenvolvimento e ampliação do conhecimento musical dos seus alunos, além de proporcionar-lhes momentos de alegria e prazer pelo fazer musical. Para tanto, o professor deve proporcionar ao aluno o contato com o som, a matéria-prima da música, desenvolvendo-lhe a percepção auditiva, abrindo-lhe espaços para a livre expressão, a emoção, a criatividade espontânea, configurando-se, assim, situações presentes e imprescindíveis no fazer musical.

Por outro lado, ressaltamos, para que o ensino de música constitua um veículo de conhecimento, é necessário ter idéia clara, concreta que viabilize ações conectadas à vida real. A intencionalidade dirigida e coerente com o universo das crianças pode levar à integração de capacidades, modos pessoais de pensar, sentir e agir na busca do conhecimento global, de novas experiências e vivências. O essencial é que a criança entre

em contato com a própria música, de modo prazeroso e interessante, e que o educador esteja preparado para descobertas e improvisos. Dessa forma, para que a aprendizagem musical ocorra, é necessário possibilitar à criança ambiente que favoreça o seu desabrochar, que seja lugar de descoberta e revelação dos imaginários infantis, envolvendo, com intensidade, relações de afetividade entre os adultos e as crianças.

O reconhecimento da música, como uma prática socialmente construída, voltada para a compreensão, o entusiasmo e a emoção pelo fazer musical por meio de ações criativas e significativas para a criança nos leva à busca, como educadores, de uma aproximação da música que é aprendida, ensinada e assimilada pelas crianças nos mais diversos contextos sociais. O reconhecimento dos valores atribuídos à música pelas crianças deve partir do próprio cotidiano escolar, pois, assim, numa ação conjunta, o professor pode superar a reprodução de idéias, normas e valores, dos modelos enraizados nos discursos acadêmicos. Ao professor, cabe aproximar a criança da música, contextualizando-a de acordo com a sua realidade e, ao mesmo tempo, às crianças, vivê-la, com mais intensidade, enriquecendo, cada vez mais, o seu universo musical.

Assim, não podemos propor às crianças que cantem apenas em datas festivas como, por exemplo, no Dia das Mães ou Primavera, ou quando incluímos, em nosso planejamento diário, aquelas *musiquinhas* que induzem à formação de hábitos e atitudes, como os de lavar as mãos, escovar os dentes, hora de merendar, guardar brinquedos, entre outros. Precisamos ampliar as possibilidades da vivência musical da criança pois, para produzir e pensar música, é necessário descobrir, improvisar, explorar o próprio corpo como um instrumento musical, conhecer e reconhecer sons, manipular e investigar, escutar e apreciar diferentes músicas, criar e compartilhar o som descoberto, movimentar-se no espaço, utilizando recursos disponíveis e com liberdade para expressar-se.

Por fim, ressaltamos que, para ensinar e aprender música, como qualquer outro componente curricular, é preciso ter disciplina e organização. Por isso, é preciso conhecer e respeitar o processo de desenvolvimento da criança, para que ela possa, gradativamente, construir o seu conhecimento em música.

Assim sendo, o ponto de partida desse ensino está na descoberta e exploração do elemento sonoro. Por conseguinte, levando a criança a explorar e a conhecer os sons do seu próprio corpo, aprendendo a usá-los e a controlá-los, estaremos desenvolvendo sua acuidade auditiva, sensorial e tátil. Acreditamos que dessa forma o fazer musical pela criança será mais divertido e dotado de sentido e de significado para ela.

### 3. POSSIBILIDADES DE VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS MUSICAIS: COMPARTILHANDO E CONSTRUINDO CONHECIMENTO

O preconceito de que é preciso possuir dom inato para se fazer música não precisa mais existir. Qualquer pessoa pode aprender música e se expressar através dela, desde que lhe sejam oferecidas condições necessárias para tal prática. Quando afirmamos que qualquer pessoa pode desenvolver-se musicalmente, consideramos a necessidade de tornar acessível às crianças a atividade musical de forma ampla e democrática.

Não há, na verdade, um único caminho a ser seguido e que possa garantir, com segurança, a eficiência da educação musical. Não há imunidade para qualquer atividade ou método. As críticas e os questionamentos devem ser encarados como essenciais e fundamentais para o aprendizado do novo e como um constante aprimoramento e busca de renovação.

Certo é que as atividades pedagógicas propiciadas pela linguagem musical dizem respeito à relação entre o sujeito e o objeto do conhecimento. O modo de conceber o processo e o objeto dessa aprendizagem é que valoriza a ação pedagógica inserida na prática social concreta tornando-a, dessa forma, mediadora entre o individual e o social.

Ademais, o momento atual vem trazendo, no campo musical, inúmeras novidades, com produções nos mais variados estilos, exigindo dos professores e profissionais da arte uma nova maneira de perceber, experienciar e ouvir música. Esta modalidade e diversidade de linguagens musicais não representam obstáculos para a criança, pois ela recebe com naturalidade todo e qualquer tipo de música, além daqueles que cotidianamente lhes são apresentados e postos para apreciação.

Na verdade, a criança está aberta, intuitivamente, a uma enorme variedade de estímulos sonoros que lhe chegam naturalmente através de diferentes fontes, ou seja, de maneira não ordenada, aleatória e, na maioria das vezes, de modo inconsciente e inquestionável. Cabe ao professor estar preparado para aceitar o novo, tomando consciência de que é preciso buscar novas maneiras de apreensão do mundo deixando de lado critérios já enraizados e instituídos. Enfim, é preciso aceitar, de forma natural, a energia viva e espontânea da criança. Nesse sentido, Penna (1990, p. 80) considera que

o mais importante é que o professor, consciente de seus objetivos e dos fundamentos de sua prática – onde a música deve ser encarada como uma produção e um meio educativo para a formação mais ampla do indivíduo –, assuma os riscos – a dificuldade e a insegurança – de construir o seu caminho do dia-a-dia, em constante reavaliação.

A música, no interior de nossas escolas, apresenta-se como forma de entretenimento lúdico e institucionalizado. Sua presença se dá, inegavelmente, como música incidental ou como suporte didático para outras disciplinas ou como auxílio na transmissão de valores ou imposição de regras e comportamentos desejáveis e aceitáveis pela comunidade escolar e pela realidade exterior à escola.

Consciente dessa situação, é que consideramos emergencial para as práticas pedagógicas em educação musical, o redimensionamento das propostas pedagógicas, em termos de melhor entendimento do mundo perceptivo e imaginário dos nossos alunos.

De qualquer forma, não podemos propor uma maneira única de organizar o currículo, principalmente porque a organização do conhecimento não admite regras universais. Sempre será necessário observar que a ordenação do material a ser ensinado não pode ter uma forma única. Isso significa que, diante da multiplicidade e variedade de informações a que estão expostos nossos alunos, um dos objetivos da educação para a compreensão da cultura musical é encontrar o fio condutor, o problema, a ideia-chave que leve os alunos a estabelecer correspondência da música com outros conhecimentos e com sua própria vida.

Isso significa que os professores podem ajudar os alunos a explorar as representações da cultura musical partindo da relação entre a construção da subjetividade individual e a construção da sociedade. O diálogo, nesse sentido, torna-se fundamental para entender que os alunos resultam de contextos socioculturais diversos e que trazem, para dentro do contexto escolar, uma identidade, um indivíduo em construção e com vivências e experiências musicais que, é bem verdade, não são as que a escola irá lhes transmitir, mas poderá adotá-las, se assim o quiser, de valor e significado.

## 4. VIVÊNCIA MUSICAL

Considerando, então, que professores, no tempo de sua formação, seja nos cursos de Pedagogia ou Normal Superior, seja no decurso de sua prática profissional, não adquiriram saberes especificamente musicais, ou que não tiveram asseguradas condições adequadas e necessárias para a prática musical no contexto escolar propomos aqui atividades musicais que eles poderão realizar com seus alunos. A intenção é orientar e incentivar sempre a busca de novos conhecimentos sobre a arte musical, não só para professor, mas também para crianças que frequentam as nossas escolas. As atividades, aqui, propostas objetivam ajudar ao professor conhecer melhor o universo musical de cada aluno e dele se aproximar.

### Atividade 1

A atividade denominada *Sondagem de interesse e conhecimento* pode ser realizada na própria sala de aula, e consta de alguns itens/perguntas que devem ser respondidos pelos alunos. As respostas são registradas em uma folha de papel para que sejam, posteriormente, apreciadas e analisadas. A aproximação e interação entre o grupo de alunos e o professor pode começar aqui. Apresentaremos, a seguir, uma sugestão para a folha de resposta para que elas fiquem organizadas e facilitem a apreciação que se seguirá.

### Itens/Perguntas

- a. O que é música para você?
- b. Dentre os gêneros de música apresentados, enumere, separando-os em colunas: de quais que você gosta, e não gosta ou não conhece (música brasileira, música popular, música erudita, música estrangeira, música religiosa, jazz, ópera, country, banda militar, banda de rock, música baiana, música folclórica, música instrumental, música sertaneja, orquestra, hip hop, hap, etc.).
- c. Dentre os instrumentos musicais, enumere, separando-os em colunas: os que você conhece e os que você não conhece (piano, flauta, guitarra, violão, violino, gaita, pandeiro, saxofone, tambor, fagote, clarineta, trombone, reco-reco, contrabaixo, chocalho, viola, bateria, violoncelo, oboé, triângulo, caxixi, trompete, tuba, etc.).
- d. Cite três cantores (as) brasileiros (as) e três cantores (as) estrangeiros (as) que você conhece.
- e. Cite 3 (três) os locais públicos onde se ouve música.
- f. Que sons você escuta com mais frequência dentro de sua casa?
- g. Cite três fontes sonoras.
- h. Que motivos o levam a escutar música?
- i. Como você gosta de ouvir música?
- j. Que tipo de música você mais gosta de ouvir?
- k. De onde vem a música que você ouve?
- l. Para você, qual o melhor lugar e a melhor hora para se ouvir música?

- m. Qual música você gostaria de cantar ou ouvir na próxima aula?  
 n. O que você gostaria de aprender nas aulas de música?

**Folha de Respostas:**

a.		
b. Gosto	Não Gosto	Não Conheço
1.		
2.		
3.		
c. Conheço	Não Conheço	
1.		
2.		
3.		
d. Cantor Brasileiro	Cantor Estrangeiro	
1.		
2.		
3.		
e. Três locais públicos onde se ouve música:		
1.		
2.		
3.		
f. Sons ouvidos dentro de casa:		
1.		
2.		
3.		
g. Três fontes sonoras:		
1.		
2.		
3.		
h. Motivos para ouvir música:		
i. Como gosto de ouvir música:		
j. Que tipo de música mais gosto de ouvir:		
k. De onde vem a música que eu escuto:		
l. O melhor lugar e a melhor hora para se ouvir música:		
m. Sugestão de música para próxima aula:		
n. O que gostaria de aprender nas aulas de música:		

É muito importante dizer aos alunos que, para esta atividade, não há respostas certas ou erradas. O que se pretende é poder conhecer melhor cada aluno, respeitando a diversidade e a variedade de gostos e preferências, considerando e respeitando a realidade de cada um, além de, acreditamos, auxiliar no direcionamento das próximas

atividades em música. O resultado da “sondagem” pode ser analisado e discutido no próximo encontro.

A partir de então, consideramos que você mobilizará esforços e estratégias para melhor conduzir uma proposta de prática musical que esteja ao alcance de seus alunos, mobilizando-os, motivando-os e ampliando, cada vez mais, o universo musical de cada um deles.

## Atividade 2

Procure estar com seus alunos em um local amplo e arejado para que eles possam se sentar ao chão, movimentar-se, explorando bem o espaço, com reais possibilidades para a livre expressão, troca de experiências e emoções.

**a)** Peça a um aluno que emita um som com a boca. Em seguida, peça a todos que repitam o mesmo som e ao mesmo tempo. Repita a atividade com outros sons, atendendo a sugestões de seus alunos. Em um segundo momento, peça aos alunos que escolham dois sons (dentre os sons emitidos) que mais lhe agradaram. Separe a turma em dois grupos. Cada grupo será responsável por um som. Posicione-os lado a lado. E você, professor, como um bom regente, vai conduzir a orquestra. Com as mãos, em simples gestos (elas *dizem* muito!), faça-os soltarem a voz; ora um grupo, ora outro e, por que não, os dois ao mesmo tempo. As *entradas* e *saídas* ficam por sua conta. Para enriquecer a atividade, mostre, também com suas mãos, que o som emitido por eles deve ser alto, ou baixo, lento ou rápido. Mas, lembre-se: não é necessário fazer tudo de uma vez, num só dia, pois uma atividade que se faz repetida e exaustivamente torna-se enfadonha e desprovida de prazer e emoção. Procure estar atento como os alunos reagem à atividade. Se estiverem gostando, repita-a em outras oportunidades.

**b)** De uma próxima vez, troque o som da boca pelo som das mãos ou dos pés. O importante é explorar e vivenciar as inúmeras possibilidades sonoras que o nosso corpo nos proporciona, valorizando, sempre, a criatividade e a improvisação. E as crianças sabem muito bem como fazer isso.

**c)** No processo de construção do conhecimento musical, destacamos a importância do ato de improvisar para desenvolver o processo de percepção-expressão-comunicação possibilitado pela música. Nesta atividade, auxiliada pelo educador, a criança tem a oportunidade de explorar, produzir e refletir sobre os elementos musicais disponíveis durante a atividade de improvisação e refletir sobre elas. Isto significa que usando não só as mãos, os pés, as coxas, como também instrumentos de percussão (chocalhos, pandeiros, tambores, triângulos, e outros) e os construídos a partir de objetos de sucata, a criança poderá descobrir sons fortes e fracos; sons agradáveis ou desagradáveis; reconhecer, através de objetos sonoros, diferentes texturas, densidades, timbres, ritmos. Através da improvisação, a criança pode, cada vez mais, aguçar a sua percepção, ficando cada vez mais, atenta e inserida no mundo sonoro que a rodeia. A possibilidade de se expressar musicalmente faz parte do mundo infantil pois, nele, a criança estabelece interações entre ela e o adulto, entre seus pares e entre ela e o ambiente natural e a realidade social. O mundo infantil é parte integrante de nossa cultura.

Para ilustrar o que acabamos de afirmar, segue outra sugestão.

### Atividade 3

Peça a seus alunos que levem para a escola (tragam de casa) um pedaço de papel. Como exemplo, enumere alguns tipos, fáceis de serem encontrados: papel crepom; papel celofane; cartolina; embalagens diversas de biscoito, de pó de café, de chips; papelão (caixas de sapato), de seda (aquele usado para fazer pipa); folhas de RX (produz um som lindo e diferente); entre muitos outros. Incentive-os a procurar e a solicitar ajuda das pessoas que convivem com ele em sua casa.

Em sala, ou no lugar escolhido para as atividades musicais, posicione as crianças em círculo e, após recolher todos os papéis, coloque-os no centro do círculo. Peça a cada um dos seus alunos que, com tranquilidade, vá até o centro do círculo e retire um dos papéis (de preferência, o que estiver mais próximo, evitando, assim, o descontentamento do outro). O próximo passo é pedir que cada um explore e esgote, à sua maneira, todas as possibilidades de som que o papel é capaz de produzir. Depois de alguns minutos, questione:

- Como é o papel que você escolheu (macio, duro, colorido, grosso, fino, etc.)?
- Que som faz o seu papel? Se possível, escute um a um. (agudo (alguns vão dizer que é fino), ou grave (outros dirão que é grosso), parece o som de...).
- O que você fez para produzir este som (esfregou, sacudiu, soprou, bateu, amassou, esticou, rasgou, etc.)?
- Qual papel produz o som mais alto? E o mais baixo? E o mais grave? E o mais agudo?
- Há papéis que produzem sons parecidos? Quais?
- Como podemos agrupá-los (sons mais altos, mais fracos, mais duros, mais moles, etc.)?

Podemos caminhar mais um pouco. Agora escolha, junto com seus alunos, uma canção que já saibam e gostem de cantar, para que seja acompanhada aos sons dos papéis. Divida a música em três ou quatro partes, cada uma delas será acompanhada por um grupo de papel, mas todos devem e podem cantar.

Aconselhamos não esquecer de fazer o registro de todas as atividades: seja gravando, tirando fotos, ou até mesmo provocando e incentivando comentários ao final de cada atividade realizada. A crítica e a autocrítica fazem parte do processo.

Finalizando esta atividade, ressaltamos: considerando que a música desempenha um papel ativo na formação geral do indivíduo, o conhecimento progressivo da linguagem musical deve ser dirigido no sentido de valorizar a percepção-expressão de elementos sonoro-musicais, em suas diferentes manifestações. O processo de ensino musical é, portanto, intelectual, cognitivo, afetivo, psicomotor e deve ocorrer pela mediação entre a realidade musical constituída e o sujeito.

Assim, dentro de um processo dinâmico e lúdico, a criança poderá construir seu conhecimento musical. Mas, para que isso ocorra, condições favoráveis devem ser criadas para que haja o reconhecimento e a interação com os objetos sonoros que estão à sua volta, presentes em seu contexto social, seja no ambiente da instituição escolar, seja no familiar, seja em qualquer outro frequentado por ela.

#### Atividade 4:

Esta atividade possibilitará ao aluno desenvolver não apenas a sua acuidade perceptivo-auditiva, como também conhecer melhor os diversos ambientes vividos por ele, porém, sonoramente, pouco explorados.

Vamos começar pelo ambiente familiar. Depois, você poderá repetir a atividade explorando os sons da rua, da escola, e muitos outros.

A tarefa é simples. Peça ao seu aluno que, em sua própria casa, faça uma lista contendo os diversos sons que ele ouve dentro dela, em momentos e locais diferentes. Ele, com certeza, ouvirá o som de vozes humanas, de algo que caiu no chão, um choro, ou uma risada. Poderá também ouvir o som da televisão, do rádio, da água caindo pela torneira, do cachorro latindo, do abrir e fechar uma janela, de uma porta batendo, entre outros.

No dia seguinte, já em sala de aula, inúmeras atividades poderão ser propostas ao aluno.

Vamos citar algumas; outras ficarão por sua conta.

- Peça a cada aluno que leia os sons que ouviu e listou.
- Vá até ao quadro-negro e separe-o em duas partes: de um lado, escreva os sons que mais vezes se repetiram, ou os mais graves, ou os de intensidade forte; do outro lado, os sons ouvidos poucas vezes, ou os mais agudos, ou os de intensidade fraca. Enumere, mas escolha apenas dois opostos de cada vez, ou seja: comum x incomum; graves x agudos; fortes x fracos.
- Em seguida aponte, no quadro, alguns sons que você gostaria que eles imitassem.
- Entregue a cada aluno uma folha de papel. Instrua-os a dividirem a folha em seis (ou oito) partes, numeradas, conforme exemplo abaixo. Escolha seis alunos e selecione, junto ao grupo, seis sons entre os que estão listados no quadro. Cada aluno escolhido será responsável por imitar e representar um som por meio de um símbolo. Peça-o que o desenhe no quadro para que cada um possa desenhá-lo na sua folha. Lembre sempre que cada som está associado a um símbolo.
- Agora, vamos organizar, ouvir e apreciar a nossa *Paisagem Sonora*: escreva, no quadro, algumas sequências numéricas, por exemplo: 1 – 3 – 2 – 4 / 2 – 6 – 3 – 1 / 5 – 2 – 4 – 1 e peça-os para soltarem a voz! Trabalhar com a percepção visual, a atenção, a memória, a associação faz parte dessa atividade, sem falar no envolvimento do grupo e interesse que ela pode despertar no aluno pelo criar e fazer musical.

Se gostarem e estiverem animados, aumente a sequência numérica, ou ainda, separe a turma em dois grupos: para cada um, uma sequência de números, atuando ao mesmo tempo ou separados.

1 (cachorro) 	2 (telefone) 	3 (choro) 
4 (televisão) 	5 (risada) 	6 (ronco) 

Estes são alguns passos, entre muitos outros que você, com certeza, irá propor e desenvolver com seus alunos.

Ao concluir uma atividade, não se esqueça de apreciá-la junto com os alunos. Para isso, algumas perguntas são importantes, como: o que acharam da atividade? Do que mais gostaram? E o que não gostaram? Gostariam de repeti-la outras vezes? Encontraram alguma dificuldade para realizá-la? Qual símbolo ficou mais parecido com o som? E qual não ficou?

### Atividade 5:

Esta atividade irá proporcionar ao aluno o desenvolvimento da escuta silenciosa, a possibilidade da improvisação e da expressividade, levando-o, de maneira livre, envolvente e ativa, a imaginar e a criar.

Narre a seus alunos um **conto sonoro**. O que é um conto sonoro? Trata-se do relato de uma história, improvisada ou não, com ou sem narração<sup>1</sup>. O conto sonoro pode ser uma história já existente cujo conteúdo apresente uma variedade de elementos sonoros que possam ser expressos pelas crianças. Se se preferir, o professor poderá, primeiro, construir uma história, coletivamente, com as crianças para, em seguida, narrá-la. O conto sonoro deve estar de acordo com a faixa etária a qual vai ser dirigido. Assim, evita-se a desmotivação no momento da escuta. Esta atividade tem por objetivos:

- destacar, fazer sobressair os elementos sonoros<sup>2</sup> inseridos na história;
- possibilitar à criança a exploração, a manipulação e a discriminação de diversos objetos sonoros;
- favorecer a espontaneidade, a criatividade e a expressividade da criança;
- estimular a percepção auditiva;
- destacar a importância para o momento do silêncio, como facilitador da escuta atenciosa.

Procedimentos: Em primeiro lugar, vários objetos sonoros<sup>3</sup> e/ou instrumentos musicais<sup>4</sup> devem estar à disposição das crianças. Dê oportunidade ao aluno para ele explorar cada objeto ou instrumento musical levando-o a identificar as diversas possibilidades sonoras de cada um deles (da mesma maneira que fizeram com o papel!). Em seguida, separe a sua turma em pequenos grupos e disponha-os em semicírculos, de frente para o professor, e distribua alguns objetos ou instrumentos para cada grupo. Comece a narrar a pequena história. Durante a narração, as crianças atuam como sonoplastas, interferindo com o material sonoro<sup>5</sup>, que está à disposição deles e que julgar relacionado com elementos sonoros contidos na história.

É importante que o conto selecionado não seja muito longo e que o tema seja do interesse dos alunos, pois o que interessa é proporcionar-lhes uma escuta atenciosa e prazerosa, e

<sup>1</sup>História contada apenas com sons (vozes, instrumentos musicais, sons do corpo, objetos diversos), onde o narrador fica escondido e não pode ser visto pelos ouvintes. Pode ser o professor ou grupo e crianças. Ao final, os ouvintes relatam o que imaginaram durante a audição e, em seguida, o professor ou o grupo expõe sua versão. Nem sempre há coincidência entre a intenção de quem narra e as interpretações de quem ouve.

<sup>2</sup>Como elementos sonoros, identificamos: chuva, trovão, latido do cão, miado do gato, choro, som do avião, do carro, pio do passarinho, etc.

<sup>3</sup>O objeto sonoro identifica-se como material de sucata ou qualquer objeto que possa produzir um som: chaves, tampinhas de garrafa, copinhos de plástico diversos, caixinhas de fósforo, latinhas, bichinhos de borracha, pauzinhos, papéis diversos, embalagens plásticas, latinhas, etc.

<sup>4</sup>Os instrumentos musicais identificam-se, neste caso, como os instrumentos de percussão ou os denominados instrumentos de bandinha: tambores, pandeiros, chocalhos, coquinhos, guizos, triângulos, pratos, caxixis, reco-recos, apitos, etc.

<sup>5</sup>O material sonoro inclui, não só os objetos sonoros e os instrumentos musicais, mas também a voz humana, isto é, a própria voz da criança.

levá-los a vivenciar, com alegria, a exploração sonora, através da descoberta e da manipulação de diferentes objetos. É preciso estarmos atentos e evitar um possível desinteresse do aluno pela atividade.

Conforme já dissemos anteriormente, é importante que, ao final dessa atividade, as crianças possam relatar, através da fala comentada, o que sentiram, perceberam, porque escolheram este ou aquele objeto ou instrumento sonoro, recontar a história, ressaltando as partes e os sons que mais chamaram a atenção. Lembramos, também, que, se possível, o conto sonoro e suas intervenções sonoras devem ser gravados para que as crianças possam avaliar, através de uma audição e apreciação crítica, o trabalho realizado.

A atividade proporcionada com o conto sonoro não se esgota aí. Sabemos que as crianças gostam muito de desenhar. Proporcione a elas a oportunidade de expressarem, espontaneamente, através do desenho, as imagens auditivas proporcionadas pela narração do conto sonoro.

Apresentamos, em seguida, um *conto sonoro*, que servirá de exemplo para esta atividade. Muitos outros contos da literatura universal poderão ser usados ou, se preferir, usar os escritos pelo professor e seus alunos, desencadeando, dessa forma, uma variante, uma alternativa a ser proposta em outra ocasião.

O importante é poder viver, junto com os alunos, a alegria e a emoção de fazerem música juntos, comunicarem, expressarem e criarem, através da música, linguagem que aproxima e encanta as pessoas.

### **ROBOZÃO – O ROBÔ DIFERENTE**

*Era véspera de Natal (\*). Cris, irmão do Julinho e da Belinha, estava muito aflito e ansioso enquanto esperava a hora de ir para a casa dos seus avós.*

*Como todos os anos, era na casa do vovô Boli e da vovó Nésia que toda a família se reunia na noite de Natal (\*). Cris sabia que lá ganharia muitos presentes. Com certeza vovô “Boli”, assim como fazia sempre, tinha lhe preparado alguma surpresa.*

*Ao saírem de casa, Cris e sua família, podiam ouvir os sinos (\*) das igrejas que soavam sem parar, anunciando a chegada do Natal. Muitas pessoas andavam (\*) felizes pelas calçadas, muitos carros (\*) passavam pelas ruas, de um lado para outro, alguns até buzonavam (\*) como que anunciando a chegada do Natal. Cris também caminhava (\*) feliz, cantarolando (\*) as canções de Natal que aprendera com sua mãe, e também na escola.*

*Quando chegaram na casa do vovô Boli, muitos primos e tios já estavam por lá. Foram recebidos com muita algazarra (\*), muitos abraços e beijos (\*). Até o Fusquinha, cachorrinho (\*) de estimação da vovó “Nésia”, participava da festa.*

*Na casa de seus avós tinha uma sala de jantar muito grande e uma mesa enorme onde todos se reuniam para conversar (\*) e, depois, jantar. Todos tinham novidades para contar, e se alegravam, dando boas risadas (\*) das piadas que o tio Dé contava.*

*Cris ficou espantado com a beleza da árvore de natal que vovó “Nésia” tinha montado na sala de visitas. Muitas luzes piscavam e, para aumentar o seu encanto, músicas (\*) de Natal eram ouvidas durante toda a noite.*

*Na sala de visitas tinha também um lindo piano (\*) de cauda, todo preto, que brilhava com as luzes coloridas da árvore de natal. Cris, que sabia tocar (\*) piano, fez a festa ficar ainda mais animada, pois tocou durante um bom tempo, enquanto primos, tios, e até vovô e vovó cantavam (\*) e dançavam (\*).*

*A criança, em alvoroço (\*), aproveitou o momento de euforia e pediu ao vovô que entregasse os presentes. Vovô Boli resolveu, então, acabar com a aflição de todos os seus netinhos e os chamou para perto da árvore de natal. Vovô Boli caminhou (\*) em direção aos presentes acompanhado pela meninada, que gritava (\*) e batia palmas (\*) de alegria.*

*Vovô Boli chamou Cris para lhe entregar o presente. Sem muito pensar, e com os olhos brilhando de tanta alegria, Cris foi logo rasgando (\*) o papel que embrulhava o seu presente e abrindo (\*) uma enorme e pesada caixa de papelão.*

*Cris nem imaginava que, para a sua surpresa, ganharia do vovô aquilo que sonhou durante o ano todo. Acabara de ganhar um robô (\*), um robô muito especial. Cris, emocionado, correu em direção ao vovô Boli, dando-lhe muitos beijos (\*) e abraços. No mesmo instante, Cris abraçou o seu robô e foi logo lhe dando um nome. O seu nome seria Robozão.*

*Querem saber por quê Cris lhe deu este nome? Porque Robozão era mesmo diferente. Ele era que nem gente. Sabia fazer de tudo. Ele andava (\*), batia palmas (\*) e até dava risadas (\*). E sabia falar (\*) também.*

*Cris já queria ir embora. Só tinha olhos e ouvidos para o seu robô. Depois da ceia e um pouco mais de conversa (\*), Cris e sua família se despediram (\*) e voltaram para casa.*

*No caminho, Cris não parava de falar (\*). Conversava com seu robô como se este o ouvisse e também pudesse entendê-lo. Logo se tornaram bons amigos.*

*Ao chegar em casa, cansado e com sono (\*), Cris foi direto para o seu quarto. Antes de se deitar, Cris escovou os dentes (\*), lavou as mãos (\*) e colocou (\*) seu velho pijama. De volta ao seu quarto, remexendo nas suas gavetas (\*), Cris procurou, até encontrar, uma blusa velha que pudesse servir de pijama para o Robozão. Não se separou de Robozão um minuto sequer, que ficou ao seu lado durante toda a noite.*

*No dia seguinte, logo às seis horas da manhã, Robozão acordava toda a casa como se fosse um verdadeiro despertador (\*).*

*- São seis horas! São seis horas! Hora de acordar! Hora de acordar!  
- Desliguem essa “coisa”! – gritava o pai de Cris.*

*Mas, Robozão nem ligava. Logo já estava na cozinha: lavava as frutas (\*) para o café da manhã, colocava os pratos, os copos e as xícaras sobre a mesa (\*) e fazia até vitamina de banana no liquidificador! (\*).*

*A família nem terminava de tomar o café da manhã (\*) e, lá estava ele, tirando o carro da garagem (\*). Vai levar toda a família para passear.*

*- Calma, Robozão! O trânsito é muito perigoso. Não precisa se apavorar (\*) tanto assim! – falava Cris, tentando acalmar Robozão, que não parava de buzinar (\*).*

*Depois de algumas horas, Robozão e toda a família, já estavam em casa. Com a esperteza de sempre Robozão, num piscar de olhos, arrumou toda a casa (\*), deixando-a limpinha e cheirosa. Lavou (\*) e passou (\*) a roupa, até o aspirador de pó, que há muito tempo não se ouvia, Robozão usou (\*). Como gosta de barulho!*

*Que engraçado! Robozão de vassoura na mão! Já sei. Vai varrer a calçada (\*) para tirar as folhas que caíram durante a noite, por causa da ventania (\*). De repente começa a chover (\*).*

*- Corre, Robozão, corre! Está chovendo e você não pode se molhar – gritava a mãe de Cris.*

*Robozão nem se mexeu, parecia nem ter ouvido o aviso. Mas, Robozão sabia que dentro dele tinha um aquecedor que, quando ligado (\*), o deixava sequinho, sequinho.*

*Pronto! Robozão está em forma novamente. E ele não pára de trabalhar. Anda (\*) de um lado para o outro e, sempre feliz, sai cantarolando (\*) e anunciando a hora do almoço.*

*- São doze horas! São doze horas! Hora do almoço! Hora do almoço! Sem que ninguém percebesse o almoço já estava na mesa.*

*Todos almoçaram (\*) e, por incrível que pareça, gostaram da comida que Robozão fizera.*

*Arrumar a cozinha (\*) e brincar (\*) com as crianças era o que Robozão mais gostava de fazer. Brincava como uma criança: jogava bola (\*), gostava de brincar de amarelinha, de esconde-esconde... Mas, o seu brinquedo preferido era a peteca (\*). Robozão dava boas gargalhadas (\*) enquanto jogava peteca.*

*Anoiteceu. Robozão está cansado (\*). O seu dia não foi nada fácil. Trabalhou muito e merece um bom descanso.*

*- Robozão, vai dormir, vai! Você está abrindo a boca (\*) de tanto sono! – disse Cris.*

*- Estou indo... Estou indo... Boa noite... Boa noite...*

*Para onde está indo o Robozão? Onde Robozão irá dormir?*

*Cris, caminhando lentamente (\*), acompanha seu amigo até o fundo do quintal. No fundo do quintal!?*

*Isto mesmo. Foi o único lugar que arrumaram para Robozão dormir. Sabem por quê? Porque ninguém consegue dormir com o ronco (\*) do Robozão.*

Loureiro, A. M. A. *Robozão, o robô diferente*. Texto publicado com autorização da autora.

## Atividade 6

Apresente, aos seus alunos, uma quadrinha, ou procure outras em nosso rico folclore, ou até mesmo receba sugestão dos alunos. Esta atividade tem como objetivo desenvolver, no aluno, através do contato e da exploração da linguagem folclórica, a percepção rítmico-corporal, possibilitar a criação e a improvisação melódica, por meio da exploração sonora das palavras, além de ampliar seu vocabulário, mediante o contato com o rico acervo que o nosso folclore nos oferece. Assim, muitas atividades poderão ser realizadas, mas sempre objetivando a participação ativa e envolvente dos alunos.

Procedimentos: Escreva a quadrinha escolhida no quadro-negro, para que todos possam ver e ler. Posicione a turma em um grande semicírculo, todos assentados no chão, de modo que possam enxergar o quadro-negro e, ao mesmo tempo, os colegas. Daí, siga os seguintes passos:

- Ler a quadrinha devagar e em voz alta.
- Cada aluno lê uma parte da quadrinha. De uma ponta até a outra do semicírculo.
- Acompanhar a quadrinha com palmas.
- Dividir a turma em dois grupos (não precisa sair do lugar). De pé, um grupo acompanha com palmas; o outro, com os pés. Separados, depois simultaneamente.
- Andar, em círculo, falando a quadrinha.
- Falar a quadrinha; uma vez andando, outra vez parados no lugar.
- Falar a quadrinha: primeiro verso, andando; segundo, parados; terceiro, andando; quarto, parados.
- Musicalizar a quadrinha. Peça a um aluno que crie uma melodia para o primeiro verso. Todos devem repetir quantas vezes for necessário. Outra criança canta o segundo verso, e assim, uma terceira e quarta criança criam melodias até completar a quadrinha. Cantar várias vezes para apreciar o resultado do trabalho realizado.
- Em outra oportunidade, forme pequenos grupos, de cinco ou seis alunos, entregue-lhes uma quadrinha e deixe fluir sua imaginação, estimulando-os a usarem o corpo, a voz, o movimento e o espaço disponível. Organize a apresentação dos grupos e registre tudo para críticas e comentários posteriores.

Essa atividade irá desencadear muitas alternativas (uso de provérbios, frases de choque de caminhão, acalantos, parlendas) e novas ideias, advindas da criatividade e imaginação do professor e de seus alunos. Eis alguns exemplos:

Gata pintada, Quem te pintou. Foi uma velha, Que aqui passou.	Eu te vi, tu me viste, Tu me amaste, eu te amei. Qual de nós amou primeiro, Nem tu sabes, nem eu sei.
--	--

Procuramos mostrar com a sugestão dessas atividades que a aprendizagem musical envolve a realização de ações e a diversidade de formas de agir requer do educador a compreensão da linguagem musical a partir da percepção que a criança tem de si mesma, da realidade que a rodeia, das experiências já vividas, dentro e fora do ambiente da instituição escolar. Além disso, compete ao educador organizar o tempo, o espaço, as condições necessárias para que a criança construa o conhecimento musical atendendo aos seus interesses, necessidades e capacidades. É necessário, também, que o educador aja como interventor e incentivador no processo educativo e que a escola assegure à

criança, ser afetivo e social, lugar onde o lúdico acontece, onde seja possível o desenvolvimento físico, emocional e cognitivo, mediante o contato com o meio cultural e o mundo social no qual está inserida.

### **Atividade 7**

Posicione os alunos em círculo e de pé. Um aluno começa um movimento corporal qualquer, que deve ser imitado por todos os seus colegas. O professor, andando por fora do círculo, toca em outro aluno que, imediatamente, deve mudar o movimento, e todos passam a imitá-lo. Repita a atividade quantas vezes forem necessárias. Uma canção conhecida deve acompanhar as crianças enquanto se movimentam e se divertem.

A atenção na mudança do movimento e uma resposta rápida para mudá-lo, se solicitado, é fundamental para o bom andamento da atividade. É igualmente interessante se, ao invés de começarmos com um movimento, o primeiro aluno comece cantando uma canção e todos cantem juntos. O aluno que for tocado pelo professor deverá, imediatamente, trocar a música; e todos devem passar a cantá-la, até surgir uma terceira canção.

### **Atividade 8**

Cantar uma canção e andar livremente pela sala, conforme o comando do professor: rápido, devagar, correndo, mais devagar, dois a dois, na ponta dos pés, no calcanhar, para trás, com as mãos nos joelhos, com os braços estendidos ao alto, com as mãos na cabeça, etc. O comando é dado pelo professor em voz alta, de tempo em tempo, para evitar atropelos.

### **Atividade 9**

As crianças andam livremente pela sala cantando uma canção. Quando o professor gritar: 4! (ou outra quantidade qualquer), os alunos rapidamente se agrupam em 4. Repita quantas vezes achar necessário.

### **Atividade 10**

Um objeto, escolhido e identificado pelas crianças, será escondido dentro da sala de aula. Uma criança se retira para que não veja onde o objeto será escondido. Para encontrá-lo, a criança, que estava fora da sala, deverá se orientar pela intensidade com que cantam seus colegas: se cantam forte, está próximo do objeto; se cantam fraco, está afastado do objeto.

### **Atividade 11**

Escolher uma canção. As canções do folclore são fáceis e simples e servem bem para essa atividade. Faça alguns cartões/fichas e escreva, em cada um deles, uma sílaba. Ajunte todos os cartões. Peça às crianças que cantem a música escolhida, usando apenas a sílaba mostrada pelo professor. À medida que o professor for trocando a sílaba, as crianças também trocam, e continuam a cantar usando a nova sílaba. Como variante, separe a turma em dois grupos; divida as fichas com um aluno. Cada grupo cantará de acordo com a sílaba que lhe foi apresentada.

CO

LI

MU

SA

BE

FO

### Atividade 12

Quem canta a minha música? Selecione quatro músicas, bem simples e do conhecimento dos alunos. Escreva o nome de cada uma em uma tirinha de papel. Multiplique pelo número de alunos, por exemplo, quatro músicas – vinte alunos – cinco tirinhas com o nome de cada música. Distribua, aleatoriamente, uma tirinha para cada aluno. Peça que guardem segredo da música que está escrita na sua tirinha. Misture os alunos pela sala. Quando der o sinal, todos começam a cantar ao mesmo tempo. Andando pela sala, cada criança deve procurar quem está cantando a sua música e, assim, vão se agrupando, até formarem quatro grupos.

Cai, cai, balão

Atirei o pau no gato

Marcha soldado

Ciranda, cirandinha

### Atividade 13

Uma música, um giz de cera para cada aluno e duas folhas de cartolina, ou outra de igual tamanho. Escolha com as crianças, uma canção que conheçam bem, pois servirá de tema para o desenho. Posicione-as assentadas no chão, formando um grande círculo. Duas crianças, bem distantes uma da outra (dividindo a turma ao meio) recebem a folha de papel. Ao sinal dado pelo professor, que deve ser combinado antes com as crianças (uma palma, um espirro, batida de um tambor), começam a cantar e as duas crianças começam a desenhar de acordo com a música. Ao ouvirem novamente o sinal, as duas crianças passam a folha para os colegas que estão ao lado, que continuam o desenho. O desenho só estará completo quando as duas últimas crianças receberem a folha. Comente, ao final, o desenho produzido. Sugestão: A Casa (Toquinho e Vinícius), Nesta Rua (Folclore), Meu Galinho (Folclore). Temas desenvolvidos em sala de aula podem sugerir outras músicas: Primavera, Carnaval, Páscoa, Natal, entre outros.

## 5. CONCLUSÃO

Considerando as diferenças individuais e as diversas e variadas formas de acesso à música, a prática musical, na sala de aula torna-se momento oportuno para a socialização da arte. Cabe ao professor facilitar as relações entre a escola, o aluno e a música.

Todas as considerações realçam a figura do professor como mediador do processo do ensino e da aprendizagem musicais, como o interlocutor e o provocador de novas experiências, fazendo desenvolver, no aluno, a relação com a música, com o outro e com a vida.

Há interesses, gostos e necessidades diferenciados que precisam ser compartilhados se quisermos, pelo menos, despertar, nas crianças, a sensibilidade para a música. E a escola pode ensinar as alegrias que a música proporciona. Você não acha?

Em resumo, atenção especial deve ser dispensada ao ensino de música no nível da educação básica, pois é nessa etapa que o indivíduo estabelece e pode ter assegurada sua relação com o conhecimento, operando-o no nível cognitivo, de sensibilidade e de formação da personalidade.

## 6. REFERÊNCIAS

DALBEN, Ângela I. L. de Freitas. A educação musical na atual organização do trabalho escolar. **Cadernos de Estudo: Educação Musical**, São Paulo, n. 2/3, p.15-25, 1991.

FONTERRADA, Marisa T. de Oliveira. A linha e a rede. In: SIMPÓSIO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 6, 1997, Londrina. **Anais...** Londrina: ABEM, 1997. p. 7-17.

KOELLHEUTTER, Hans J. O centro de pesquisa de música contemporânea da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais; uma nova proposta de ensino musical. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA, 2, 1985, São João del Rei. **Anais..** São João del Rei, 1985.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. *O ensino de música na escola fundamental*. São Paulo: Papirus, 2003.

PENNA, Maura. **Reavaliações e buscas em musicalização**. São Paulo: Loyola, 1990.

\_\_\_\_\_. O desafio necessário: por uma educação musical comprometida com a democratização no acesso à arte. **Cadernos de Estudo: Educação Musical**, n. 4/5, p. 15-29, 1994.

### REFERÊNCIAS DISCOGRÁFICAS

**Arca de Noé**. Toquinho e Vinícius de Moraes. Vols. 1 e 2. Polygram, 1980.

**Canções de brincar**. Coleção Palavra Cantada, Velas, 1996.

**Casa de brinquedos**. Toquinho, Polygram, 1995. Canções.

**As mais belas cantigas de roda**. Coleção de 50 cirandas. Arranjos Marcos Viana. Selo Sonhos e Sons.

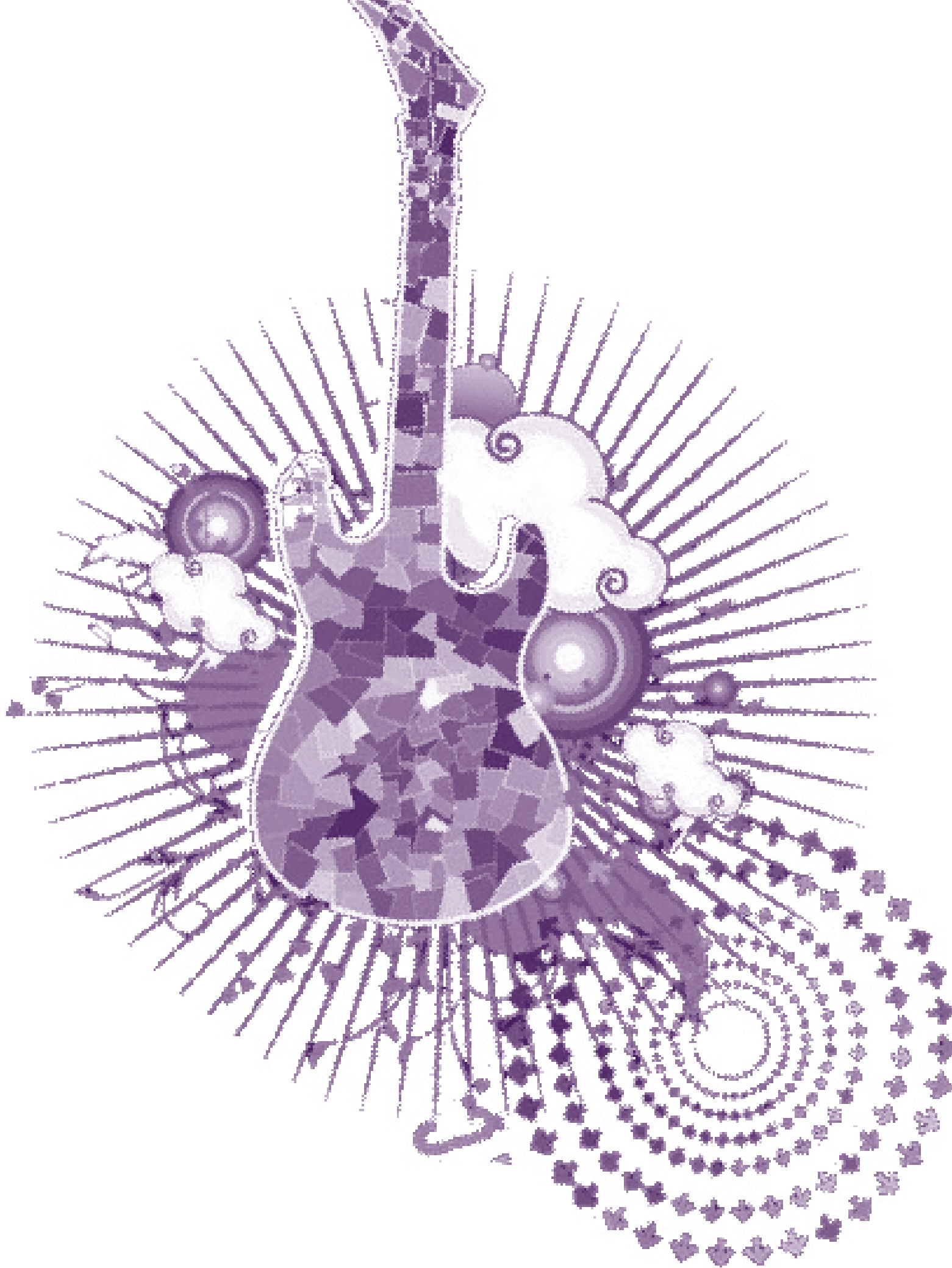
### FILMES

**Fantasia** é um filme de animação de longa-metragem, considerado um clássico, produzido pelos estúdios Disney, em 1940.

**Mr. Holland - Adorável Professor**. O filme aborda várias questões com destaque na Motivação. Com Richard Dreyfuss, 1995.

**Música do coração** é uma história verdadeira para todos que acreditam que seus sonhos podem se tornar realidade. Com Meryl Street, 1999.

**Pedro e o lobo** é uma fantástica história baseada no clássico criado pelo russo Sergei Prokofiev, em 1936, no qual cada personagem é um instrumento musical.





## ORIENTAÇÃO DE ESTUDO

### ATIVIDADE 1

Escolha uma das atividades musicais apresentadas neste livro. Que mudanças ou variações você faria? Descreva a sua mudança.

### ATIVIDADE 2

Faça uma pesquisa em nosso folclore e procure algumas parlendas. O que são parlendas? Crie uma proposta de trabalho musical com uma delas para ser apresentada à sua turma.

### ATIVIDADE 3

Descreva e justifique alguma atividade com música que você já tenha realizado junto a seus alunos ou vivenciado enquanto aluno (a). Aponte os resultados obtidos.

### ATIVIDADE 4

Com base na leitura do texto, em que consiste a educação musical?

### ATIVIDADE 5

Ainda com base no texto, responda: Qual a importância da música para o desenvolvimento da criança?

### ATIVIDADE 6

Elabore um pequeno roteiro de entrevistas com, pelo menos dois professores que lecionem na escola onde você trabalha, ou estudou, ou ainda, onde vem realizando seu estágio, para identificar suas concepções, experiências e expectativas com relação às práticas musicais no cotidiano escolar. Em seguida, elabore um pequeno texto, estabelecendo relações entre as respostas obtidas e as concepções apresentadas no texto.

### ATIVIDADE 7

Escolha uma canção do nosso folclore, ou outra do seu conhecimento, e proponha uma atividade para trabalhar o **ritmo** com os seus alunos. Você pode explorar o texto (ritmo das palavras), associando-o com o movimento do corpo (pés, mãos, etc.). Descreva o desenvolvimento da atividade.

### ATIVIDADE 8

Elabore uma proposta de trabalho com música para ser desenvolvido pelos alunos sobre o tema **Minha Escola**. Descreva as condições na qual será realizada: turma, número de alunos, tempo/duração, objetivos e o desenvolvimento.

## RESPOSTAS

### ATIVIDADE 1

Resposta pessoal. Procure fazer mudanças ou variações baseadas na sua criatividade e que estejam de acordo com a atividade inicial, considerando a faixa etária para qual a atividade se dirige.

### ATIVIDADE 2

Resposta pessoal. A partir do seu entendimento do que sejam as parlendas, e tomando como referência a leitura deste texto, procure explorar a sua criatividade e a de seus alunos. Pensar e trabalhar com o ritmo das palavras pode ser o ponto de partida.

### ATIVIDADE 3

Também, aqui, a resposta é pessoal. Espera-se que você tenha tido oportunidades de trabalhar e experimentar a música em sala de aula, seja como professor (a), seja como aluno (a). O importante é você buscar, na sua lembrança, uma atividade musical que tenha sido significativa para seus alunos e importante para sua prática pedagógica.

### ATIVIDADE 4

Esta é uma questão aberta e a sua resposta vai depender do seu entendimento do texto. Uma resposta compatível com o texto seria a de que a educação musical consiste, a partir da compreensão da música como linguagem e área de conhecimento, em um elemento importante do processo educativo para o desenvolvimento integral da criança. Desse modo, podemos proporcionar à criança o desenvolvimento da percepção, da expressão, da imaginação e do pensamento necessários à decodificação da linguagem musical, levando-a a gostar e sentir prazer em fazer música.

### ATIVIDADE 5

A resposta deve mostrar que a vivência musical constitui um momento de prazer, de magia, de sentir, de perceber, de criar, de descobrir. É o momento propício para criar situações que estimulem a busca do conhecimento, a alegria do fazer musical. É o momento de aproveitar a fase escolar inicial para desenvolver esquemas de apreensão da linguagem musical e verbal, contribuindo para o enriquecimento da interação entre alunos, aluno e professor, indivíduo e sociedade, indivíduo e mundo.

### ATIVIDADE 6

Espera-se que o (a) cursista organize um roteiro de entrevista que possibilite obter informações sobre as concepções, experiências e expectativas sobre as práticas musicais dos professores entrevistados no seu cotidiano escolar. A análise das respostas deve orientar-se pelas informações contidas no texto.

### ATIVIDADE 7

Resposta pessoal. Procure selecionar uma canção que, na sua avaliação, seja significativa, compatível com a faixa etária dos alunos. Não há uma única resposta. Aqui o importante é a sua disponibilidade e motivação em busca de novas experiências, para você e seu aluno.

### ATIVIDADE 8

A resposta é pessoal. Sua proposta de trabalho pode variar de acordo com as condições humanas e materiais disponíveis. Uma resposta plausível seria a possibilidade de um trabalho interdisciplinar, buscando relacioná-lo com outras áreas do conhecimento.





## ESTUDO COMPLEMENTAR

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte.** Ensino de primeira à quarta séries, 1997.

GARCIA, Rose M. R. e MARQUES, Lilian A. **Brincadeiras cantadas.** Porto Alegre: Editora Kuarup, 1992 (4. ed.).

JEANDOT, Nicole. **Explorando o universo da música.** São Paulo: Scipione, 1993 (2. ed.)

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. O ensino de música na escola fundamental: dilemas e perspectivas. **Educação**, UFSM/RS, v.28, p. 101-112, 2003.

MARSICO, Leda Osório. **A criança e a música.** Porto Alegre/Rio de Janeiro: Globo, 1982.

MELO, Veríssimo de. **Folclore Infantil.** Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 1985

SCHAFER, Murray. **O ouvido pensante.** São Paulo: UNESP, 1991.

SNYDERS, George. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** São Paulo: Cortez, 1992.

WEIGEL, Anna Maria Gonçalves. **Brincando de música: experiência com sons, ritmos, música e movimentos na pré-escola.** Porto Alegre: Kuarup, 1988.







O Curso de Pedagogia UAB UFMG proposto pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais visa à formação inicial de professores para a Educação Infantil e os quatro anos iniciais do Ensino Fundamental. Trata-se de um curso a distância, com momentos presenciais, desenvolvido pela UFMG em parceria com prefeituras de municípios onde foram criados os Pólos Municipais de Apoio Presencial, nos moldes definidos no Edital SEED/MEC no 1/2005, de 16 de dezembro de 2005.

O curso de Pedagogia UAB UFMG tem como referência o curso Veredas – Formação Superior de Professores, oferecido a professores da 1ª à 4ª série do ensino fundamental, em exercício nas redes públicas de Minas Gerais. O curso foi considerado, por educadores e entidades educacionais de renome, como inovador, tanto na concepção de formação de professores quanto na organização e dinâmica de gestão.

O Curso de Pedagogia UAB UFMG foi organizado na forma de um curso de graduação plena, distribuído em oito módulos, com duração prevista de quatro anos. Habilita para o exercício do magistério na educação infantil e nos quatro primeiros anos do ensino fundamental, de acordo com os requisitos contemporâneos para os profissionais da área de educação e as determinações legais vigentes no Brasil.

